

## OFICINA O CORPO FALA: Relato de experiência

**FREDERICO DOS SANTOS LEITE<sup>1</sup>; BRUNA DOS SANTOS LEITE<sup>2</sup>; PEDRO GILBERTO DA SILVA LEITE JUNIOR<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – frederico.pro@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – bruleite@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – pedroleite.pro@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

O corpo humano muda e se adapta biologicamente em decorrência de fatos e acontecimentos ambientais e sociais<sup>1</sup>. Ao problematizarmos o corpo, devemos ter em mente que ele expressa normatividades, discursos e verdades da época em que vive. Além disso, a existência do corpo se dá, necessariamente, no centro e por meio de um sistema político<sup>2</sup>. A partir disso, Vigarello (2003) coloca a noção de corpo como um instrumento que representa determinado contexto, apresentando características das sociedades, refletindo as maneiras de ser e viver de determinado período. Desta forma, aquilo que entendemos sobre o corpo e suas decorrências (como a saúde, as formas e expressões corporais, a higiene, o cuidado de si, os modos de vestimentas, as obrigações, as proibições, etc.) vão se modificando de tempos em tempos, podendo mudar totalmente de uma época a outra.

Além disso, o corpo comunica aquilo que somos, é a materialidade de nossa individualidade e identidade, ao mesmo tempo que representa a forma como lidamos com as normas, as regras, os costumes e as disciplinas. Segundo Nicholson (2000, p. 9), “a sociedade forma não só a personalidade e o comportamento, mas também as maneiras como o corpo aparece”, pois é através do corpo que estabelecemos nossas relações e as vivenciamos, sempre em comunicação com o corpo do outro. Essas relações produzem discursos e verdades que incidem sobre o corpo, moldando o comportamento dos indivíduos visando sua normatização<sup>3</sup>.

Desta forma, quando estamos em grupo, influenciamos as atitudes dos outros e também somos influenciados. O resultado dessa constante interação é que adquirimos reações particulares em determinadas situações e, muitas vezes, isso se expressa enquanto traços de nossa personalidade.

Por vezes, nossas reações não são manifestadas publicamente ou de maneira que alguém perceba. Isso traz dificuldades ao pensarmos o ambiente escolar, pois nem sempre é possível identificar a causa do problema de algum aluno. Isto porque, os problemas dos alunos podem se originar tanto no âmbito escolar, quanto no âmbito social ou familiar. O aluno, ao entrar na escola não deixa de lado a sua vida pessoal, ocasionando uma situação comum nas escolas que, quando um aluno possui problemas no âmbito social e/ou familiar, isso se reflete no processo educacional.

É recorrente os alunos reagirem por meio de violência física e psicológica a essas circunstâncias e, na maioria das vezes, essas reações são realizadas

---

<sup>1</sup> HARARI, 2015.

<sup>2</sup> FOUCAULT, 2003a.

<sup>3</sup> FOUCAULT, 2003b.

quando estão isolados em algum lugar. Um agravante da situação é quando alunos interpretam essa situação como oportunidade para cometer *bullying*.

Preocupados com a progressão desse tipo de situação nas escolas, procuramos elaborar uma oficina direcionada para alunos do ensino médio em que fosse possível trabalhar e discutir a noção de “linguagem corporal”, visando que os estudantes percebessem as expressões corporais que vivenciam em seus cotidianos e práticas sociais e passassem a refletir sobre elas.

## 2. METODOLOGIA

A oficina *O corpo fala* foi planejada e realizada com os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Félix da Cunha, na cidade de Pelotas (RS), durante o mês de julho do corrente ano, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado à Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), procurando estabelecer um espaço de discussão sobre a “linguagem corporal”, considerando a discussão apresentada. A ‘linguagem corporal’ é uma importante forma de comunicação que pode ser utilizada para auxiliar na identificação de situações do cotidiano de alunos, principalmente naqueles que transparecem infelicidade, medo, receio ao toque, agressão, entre outros. Muitas vezes o que falamos com palavras contradiz o que o corpo fala, por isso, propomos aos alunos que observassem com maior atenção a linguagem do corpo.

Metodologicamente, iniciamos com uma explanação oratória em grupo, em que utilizamos a exibição de slides para indagá-los sobre o conhecimento da ‘linguagem corporal’. Neste primeiro momento, a proposta consistiu em mostrar como identificar as expressões mais comuns praticadas pelos indivíduos, como, por exemplo, o reflexo à um susto.

Após a apresentação do tema, realizamos uma tarefa guiada de linguagem corporal na qual os alunos deveriam construir uma sequência cronológica de acontecimentos, desde a hora que acordam até o momento em que chegam na escola. O objetivo desta tarefa foi que os estudantes pudessem perceber os movimentos realizados com o corpo em suas atividades cotidianas.

Na atividade seguinte, orientamos aos alunos que elaborassem uma cena a partir de suas vivências para que fosse apresentada em forma de teatro mudo. Essa prática permitiu que os estudantes pudessem refletir sobre as suas vivências cotidianas, percebendo a forma como utilizam o corpo para se expressar, se conduzir, se alimentar, ou seja, o quanto nosso corpo está disciplinado a determinados rituais, modos de agir e se comportar, mesmo quando estamos sozinhos.

No final da oficina, realizamos um momento de reflexão no qual os alunos puderam expor suas impressões, pensamentos e opiniões sobre a oficina, bem como, avaliar o conteúdo e sua execução.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado, observamos que os alunos necessitavam falar e discutir sobre temas que estavam presentes em suas práticas sociais como assédio, violência do corpo e preconceito, por exemplo. Esses tópicos surgiram durante as atividades, ficando mais evidentes no momento do teatro mudo. O fato de não poder falar durante a atividade, forçou com que os alunos utilizassem apenas o

corpo para sua expressão. Isso deslocou a visão para o corpo, que se demonstrou uma ferramenta de linguagem extremamente útil para tratar dos temas que foram surgindo com o desenvolvimento da oficina.

Os alunos trouxeram os fatos de suas vivências e conseguiram reproduzí-las utilizando expressões da linguagem corporal. Mais que isso, a oficina explicitou o papel da escola e do professor enquanto importante articulador no debate sobre violência, preconceito e enfrentamento ao *bullying*.

Ribeiro (1990) ao abordar a questão da educação sexual nos traz elementos importantes que podemos pensar também sobre a questão da violência na escola. Assim como com a sexualidade, a questão da violência do corpo, assédio, preconceito e *bullying* não devem ser encerrados no ambiente familiar. Ainda que a família constitua a base de valores e normatividades a que os estudantes estão sujeitos, “todas essas questões são levadas pelos alunos para dentro da escola”<sup>4</sup>, devendo ser trabalhadas no espaço escolar. Assim, a articulação entre escola, família, comunidade e sociedade se mostrou fundamental para superação dos problemas de violência nas escolas.

#### 4. CONCLUSÕES

A realização da oficina salientou importantes problemáticas para a discussão sobre corpo, violência e educação. O grau de participação e envolvimento dos alunos demonstrou seu interesse pela temática, considerando que, durante os momentos que foi solicitada a participação, eles corresponderam de maneira positiva, desenvolvendo as atividades com atenção e interesse.

Acreditamos que o objetivo da oficina foi contemplado com sucesso, gerando novas perspectivas sobre o tema em questão. A partir da aplicação dessa oficina, percebemos a necessidade de criação de mais espaços de discussões sobre linguagem corporal e corpo nas escolas. Incentivos como o PIBID oportunizam a formação desses espaços, pois colocam os acadêmicos diante do cotidiano escolar, fazendo com que as práticas educacionais estejam em constante discussão crítica sobre os modos de se conduzir o aprendizado. Salientamos a importância de olhar para o aluno sempre considerando o ambiente que o circunda e circunscreve seu corpo e seu comportamento.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** 41 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003b.

HARARI, Yuval N. **Sapiens: uma breve história da humanidade.** [recurso digital] Tradução: Janaína Marcoantonio. 1ª ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015. [ISBN: 9788525432407]

RIBEIRO, Marcos. **Educação sexual.** Além da informação. São Paulo: EPU, p. 62, 1990. Disponível em:

---

<sup>4</sup> RIBEIRO, 1990, p.3.

[http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Sexual\\_Marcos%20Ribeiro.pdf](http://www.adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Educa%C3%A7%C3%A3o%20Sexual_Marcos%20Ribeiro.pdf) Acessado em 27/06/2017.

VIGARELLO, Georges. **A história e os modelos do corpo.** Pro-positões, v. 14, n. 2, p. 21-29, 2003.